

CÍRCULO PSICANALÍTICO RS - JORNADA PSICANALÍTICA

Magda M. Colao¹

Jogos de linguagem e psicanálise²

RESUMO: Abstração a partir de um estímulo: a visita de Wittgenstein à casa de Freud em Londres. A psicanálise se faz pela palavra. Ao levantar ligação com a linguagem e psicanálise faço links com o *mundo da vida* com Freud e Wittgenstein, tendo respaldo em Nasio, Derrida, Roudinesco, Kristeva entre outros indicando herança ao constatar os jogos de linguagem enquanto seres da fala e da linguagem.

PALAVRAS – CHAVE: Jogos de linguagem. Linguagem. Psicanálise. Freud. Wittgenstein

Introdução

Este trabalho constitui uma abstração de uma visita de Wittgenstein, Ludwig (1889-1951) à casa de Freud, Londres. Através de uma exposição no FREUD MUSEUM -LONDRES, pelo curador James Putnam, capturei possível relação dialógica entre os dois grandes pensadores vienense esclarecidos do século XX: Freud (1856-1939) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951), em 17/01/16 na cena: Wittgenstein com um ovo na mão visitando Freud (anexo 1).

Ao deparar-me neste encontro de Wittgenstein (segurando um ovo na mão) ao visitar Freud, imediatamente abstrai: há relações com jogos de linguagem. Logo surgiu-me um desfile de interrogações. Qual a provocação realizada? É difícil afirmar com exatidão, mas o que está na gênese da constituição humana? A linguagem acendra Kristeva (2014): tem como função produzir pensamento e comunicar. O estudo da relação entre o sujeito e a linguagem foi marcado pela obra magistral de Freud,

que abriu uma nova perspectiva na representação do funcionamento linguístico e que subverteu as concepções cartesianas nas quais se baseava a ciência linguística moderna. As repercussões da obra de Freud - de que não podemos ainda avaliar todo o alcance – estão entre as mais importantes que marcaram o pensamento da nossa época.

O problema das estreitas relações entre psicanálise e linguagem é complexo. (KRISTEVA, 2014, p.268).

Similaridades de Freud com Wittgenstein

Freud amante da literatura concebia o inconsciente como linguagem. “ O inconsciente de Freud é o discurso do Outro”. (NASIO,1995. p.270). Na estruturação do inconsciente

¹ Doutora pela UFRGS, psicóloga, prof. Adjunta da UCS. Integrante do grupo internacional de investigação para formação de professores do Mercosul Cone Sul (UFRGS). Integrante do Círculo Psicanalítico do RS.

² Trabalho apresentado na Jornada de estudos psicanalíticos do Círculo Psicanalítico do RS em 26 de maio de 2016

encontramos: sonhos; chistes; atos falhos e os sintomas neuróticos como encaixes que envolvem significantes. E não vem por menos a célebre fórmula lacaniana: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Qual é a natureza concreta da linguagem? Segundo Nasio (1995, p.271), “o sujeito humano é feito de linguagem”. O que é linguagem? A palavra demanda ação. Escreve Freud (1987, p.142): “o sonhar toma o lugar da ação, como o faz muitas vezes em outras situações da vida”. A palavra para Freud[1900] tem importância capital. “As palavras são frequentemente tratadas nos sonhos, como se fossem coisas, e por essa razão tendem a se combinar exatamente do mesmo modo que as representações de coisas”. (FREUD, 1987, p.286). *Jogo de palavras*. O que é a palavra? Não se trata, evidentemente, de formular definições, porém de levantar o olhar para existência de jogos simbólicos que se usam no *munda da vida* (*teoria do agir comunicativo* - Habermas) e na psicanálise.

Wittgenstein (1994) alega que a linguagem instaura processos de ação e transformação em que nenhuma emergência é sem sentido e que por meio das palavras se expressam elementos da realidade: desejos, signos, significados e este último é objeto que a palavra designa. “Toda palavra pode ter caráter diferente em contextos diferentes, mas, de fato, sempre tem um caráter (...), há um “sentimento-de-se”, afirma Wittgenstein (1994, p.241). Este *sentimento-de-se* traz notas linguísticas de uma herança. Enquanto para Freud - *Conferências introdutórias sobre a psicanálise* - a psicanálise se faz pela palavra.

Nada acontece em um tratamento psicanalítico além de um intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista. O paciente conversa, fala de suas experiências passadas e de suas impressões atuais, queixa-se, reconhece seus desejos e seus impulsos emocionais. [...]

As palavras, originalmente, eram mágicas, e até os dias atuais conservaram muito do seu antigo poder mágico. Por meio das palavras uma pessoa pode tornar-se jubilosamente feliz ou leva-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens. Assim, não depreciaremos o uso das palavras na psicoterapia, e nos agrada ouvir as palavras trocadas entre o analista e seu paciente, (FREUD [1915], 1976, p.29-30).

Freud quando faz recomendações sobre a abertura e final de análise e Wittgenstein, nos anos 30 quando compara sistemas axiomáticos, na filosofia da linguagem, ambos dois vienenses realizam jogos de linguagem: ilustram a similitude de seus legados com o jogo de xadrez. Tanto o xadrez psicanalítico quanto jogos de linguagem exigem uma teoria e uma técnica. Demarca Wittgenstein (1994): as expressões linguísticas são sempre utilizadas em um contexto onde falante e ouvinte interagem, empregando tais expressões com um objetivo determinado e a linguagem é uma atividade

guiada por regras. Na analogia é bom não confundir um andaime com o próprio edifício. Há fios condutores que a linguagem nos auxilia. Mas indaga Wittgenstein (1994, p.31): “o que se tem de saber?” Freud [1913](1969, p.164) escreve:

Todo aquele que espere aprender o nobre jogo do xadrez nos livros, cedo descobrirá que somente as aberturas e os finais de jogos admitem uma apresentação exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição desse tipo. Esta lacuna na instrução só pode ser preenchida por um estudo diligente dos jogos travados pelos mestres. As regras que podem ser estabelecidas para o exercício do tratamento psicanalítico acham-se sujeitas a limitações semelhantes. (FREUD [1913], 1969, p.164).

Para Wittgenstein (1994) linguagem é uma coleção de jogos de linguagem. O significado de uma palavra ou sentença é o uso que se pode fazer dela em um ou outro dos vários jogos de linguagem que formam a linguagem. A palavra tem significado quando o que lhe corresponder tiver sentido. Ou seja, o significado de uma palavra é seu uso na linguagem. Significado e significante que estão presentes em toda forma de linguagem. Em psicanálise o significante está contido inclusive nos três principais destinos das pulsões sexuais: recalçamento, sublimação e fantasia. Ambos denotam a visibilidade do efeito da linguagem no funcionamento psíquico. Esquematiza Nasio (1995, p.36) (Anexo 2).

Por tanto, apenas mostrar esta imagem que é um jogo de linguagem via esquema, não estamos explicando como é a psicanálise, mas informando que há destinos das pulsões. Explica Wittgenstein (1994, p.31):

Se mostrarmos a alguém a figura do rei no jogo de xadrez e dizemos “Este é o rei no xadrez”, não lhe explicamos com isso o uso desta figura – a não ser que ele já conheça as regras do jogo até este último ponto: a forma da figura do rei. A forma da figura de jogo corresponde aqui ao som ou à forma de uma palavra.

Mas pode-se imaginar também que alguém tenha aprendido o jogo sem mais aprender as regras, ou sem formulá-las. Talvez tenha aprendido assistindo a um jogo de tabuleiro bem simples, e foi progredindo para os jogos sempre mais complicados. Também a este poderíamos dar a explicação: “Este é o rei”.

A palavra tanto como signo interior, como signo exterior estão no *mundo da vida*. “A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”, alega Bakhtin (2010, p.36).

E os sonhos o que são, senão linguagem? O artista *Gavin Turk criou a escultura referida (anexo1): Sonho de Wittgenstein e cita- o: “Estamos dormindo. A nossa vida é como um sonho. Mas, em nossas melhores horas acordamos apenas o suficiente para perceber que estamos sonhando”*.

A psicanálise – uma ciência do homem - surgiu no início do século XX, do gênio inquisitivo de Freud, apareceu como literatura e uma prática de tratamento. Para muitos autores, a psicanálise, frisa Figueira (1997, p.15) é: “um produto histórico, vale dizer, só formulável a partir de certas circunstâncias historicamente dadas, que a marcam

intrinsecamente. É então, um saber universal que surge necessariamente de condições particulares no desenvolvimento humano”. Cabe nesta reflexão fazer algumas ligações não apenas para aceitar o que está inscrito diretamente na herança recebida, mas “realçá-la de outra maneira e mantê-la viva. Não escolhê-la (pois o que caracteriza a herança é primeiramente que não é escolhida, sendo ela que nos elege violentamente) mas escolher preservá-la”, argumenta Derrida no *Escolher a herança em De que amanhã*. (DERRIDA e ROUDINESCO, 2004, p.12).

Metodologicamente, uso a categoria psicanalítica de ligação para exprimir o movimento desta abstração. A ligação expressa Laplanche e Pontalis (1992) é um termo utilizado por Freud que se encontra em diversos momentos de sua obra. O termo “ligação”, expressa laço, [...], “juntar, amarrar, enfeixar, combinar”. (HANNIS, 1996, p.293).

No reino da totalidade há ligações, histórias e vínculos. Wittgenstein (1994, p.16) sobre a filosofia da linguagem e narrativas expressa: “A linguagem deve servir ao entendimento”. “As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu universo. E o mundo é tudo o que acontece”, alude Wittgenstein (2016). Neste contexto, ligo linguagem ao objeto da psicanálise que é o inconsciente, onde ambas se materializam no vivido. O pensador Freud é o homem de uma descoberta:

dotado de grande cultura e sólida experiência científica, movido por um racionalismo positivista indefectível e uma ambição [...], se vê, às vezes como “um conquistador”, um Cristóvão Colombo da psicopatologia, que decide aplicar o método de investigação de seu colega mais velho, Joseph Breuer. Método este que consiste em levar o paciente falar “livremente”, aceitando entregar seus pensamentos mais disparatados. (LAPLANCHE, 2015, p. 255-6)

Relata Gay (2007, p.290) que “Freud nunca duvidou que o sujeito inteligente que deduziria as consequências culturais da psicanálise era ele próprio. Mas estava encantado por poder contar com outros pioneiros”, pensadores, poetas, artistas (..) que se juntavam a ele para pensar, dialogar, viver a vida e celebrá-la. “ Vida nenhuma começa sem história. Sem ela, a vida não avança, não encontra duração, continuidade. É narrando que a vida se transmite e permanece”, conta Gutfreind (2009, 28).

A carregada agenda de Freud [...] levanta a questão de como ele conseguia encontrar tempo para sua vida particular. Entre 1905 e 1915, assoberbado por pacientes, casos clínicos, tarefas editoriais e estafantes demandas da política psicanalítica, ele mesmo assim publicou artigos sobre literatura, direito, religião, educação, arte, ética, linguística, folclore, contos de fada, mitologia, arqueologia, guerra e a psicologia dos estudantes. E todos os dias apresentava-se pontualmente às treze horas para a refeição principal com a

família, continuava com as partidas semanais de *tarock* (anexo 3) sábados à noite, visitava infalivelmente sua mãe nas manhãs de domingo, dava seu passeio à noite, recebia visitantes e (embora fossem ocasiões raras) ia a uma ópera de Mozart.

Ocupado como vivia, sua notoriedade crescente valia-lhe um número cada vez maior de convites para falar ou escrever para públicos leigos [...]. (GAY, 2007, p.286)

Narrar, contar, fornece-nos identidade, proporciona representações. Precisamos de vínculos, e estes se dão em meio narrativo. “Sem o outro, não se conta e não se constrói a vida psíquica”, expõe Gutfriend (2009, p.33).

A concepção wittgensteiniana de filosofia “procura compreender o sentido da realidade tendo como pano de fundo o horizonte linguístico [...], linguagem e mente, significado e uso, ética e místico, palavra e silêncio”, escrevem Valle; Martínez e Júnior (2012, p.7). Estas perspectivas encontram-se na psicanálise.

Jogos de linguagem.

“A linguagem está conectada com a ação de diversos modos, é a isso que Wittgenstein chama de jogo de linguagem”, pontuam Valle; Martínez e Júnior (2012, p.17). Quando Freud fala de linguagem explica Kristeva (2104, p.273):

não entende apenas o sistema discursivo no qual o sujeito se faz e se desfaz. Para a psicopatologia psicanalítica, o próprio corpo fala. Recorde-se que Freud fundou a psicanálise a partir dos sintomas histéricos, que ele soube ver como “corpos falantes”. O sintoma corporal é sobredeterminado por uma rede simbólica complexa, por uma linguagem cujas leis sintáticas é preciso descobrir para se resolver o sintoma.

Na escuta psicanalítica, o analista escuta também o que o paciente não está dizendo. Na análise escutamos o sintoma com uma linguagem da qual temos de libertar a fala. “As afirmações se ligam ao que faz sentido dizer, àquilo que demanda compreensão ou exige uma prova, e isso se essa exigência for cabível”, escrevem Valle; Martínez e Júnior (2012, p.20). Por exemplo Wittgenstein (2016) declara: “O que se pode dizer pode ser dito claramente; e aquilo de que não se pode falar tem de ficar no silêncio. Sobre o que não se pode falar, deve-se calar”. Psicanaliticamente, o jogo da linguagem dará outra compreensão: *o que a boca cala o corpo fala*.

“ O emprego de palavra é parte integrante dos processos de desenvolvimento, e a palavra conserva a sua função diretiva na formação dos conceitos verdadeiros, aos quais esses processos conduzem. ” (VIGOTSKI, 1998, p.101). Há apologia sobre os jogos de linguagem. Propaga Wittgenstein (2016) mesmo depois de serem respondidas todas as

questões científicas possíveis, os problemas da vida permanecem completamente intactos. Por outro lado, “o estudo psicanalítico da relação do sujeito com o seu discurso indicou que não se pode tratar da linguagem – por mais sistemática que a língua possa parecer – sem se ter em conta o seu sujeito, alveja Kristeva (2014, p.327-8). Os jogos de linguagem revelam Wittgenstein (1994): surgem, envelhecem e outros são esquecidos. Porém sempre vão indicar uma forma de: vida; prática e herança. Tenha presente, orienta Wittgenstein (1994, p.27), “a variedade de jogos de linguagem nos seguintes exemplos, e em outros: ordenar, e agir segundo as ordens – descrever um objeto pela aparência ou pelas suas medidas – produzir um objeto de acordo com uma descrição (desenho)”. Enfim há inúmeras espécies diferentes de emprego de signos, palavras, frases.

Relatar um acontecimento – Levantar uma hipótese e examiná-la – Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas – Inventar uma história; e ler – Representar teatro – Cantar cantiga de roda - Adivinhar enigmas – fazer uma anedota; contar – Resolver uma tarefa de cálculo aplicado – Traduzir uma língua para outra – Pedir, agradecer, praguejar, cumprimentar, rezar

Outros jogos de linguagem que costumamos usar na psicanálise: *Fale o que vem em mente; parece que estás me dizendo... Seria isto? É assim que estás sentindo? Fala-me mais sobre esta sua ideia... Diante disto o que te passa?* Há outros meios de expressão humana, e não exclusivamente a palavra. Por exemplo: “representar o que está dizendo por um meio que não seja a palavra”. Dolto (2013) testemunha que é possível representar algo que não seja pela palavra, pode ser por meio do desenho, modelagem, gesto, postura, música.

Atendi em terapia uma criança incapaz de desenhar e falar. Naquela época, eu tinha um piano, e disse a ela: “será que você poderia dizer em música?”, sabendo que ela dedilhava no piano de sua casa. O pai e a mãe estudavam música, mas ela se recusava a aprender de verdade para não obedecer aos pais. Na verdade, ela era bem mais dotada para música do que eles. Pois bem, ela fez sua análise tocando no piano todas as imagens que lhe passavam pela cabeça. De vez em quando, eu lhe dizia o que estava sentindo. Então, ela acrescentava imediatamente: “É isso aí”, quando era verdade para ela, ou quando não era, continuava a tocar imperturbável, e eu lhe dizia: “Você está vendo, eu não entendi, mas então, o que sua imagem queria exprimir?” E ela dizia ao mesmo tempo que tocava: “amarelo – vermelho – quadrado – pontuado.” Era totalmente abstrato. Era uma criança muito inteligente, mas pervertida em todos os níveis. (DOLTO, 2013, p.18).

“Todo ser humano simboliza por fantasias auditivas, gustativas, olfativas, táteis e visuais. Mas pode exprimi-las por meios que não sejam a palavra. É o que, aliás fazem os bebês”, escreve Dolto (2013, p.19). Enfim, os jogos de linguagem auxiliam a compreensão do nosso trabalho psicanalítico que “sempre consiste em fazer com que o sujeito se exprima de um modo diferente” (DOLTO, 2013, p.19).

Ao encerrar esta reflexão, notifica Wittgeinstein (1994, p 27): “quem não tem clara variedade dos jogos de linguagem estará inclinado a fazer perguntas”. A importância dos jogos de linguagem auxilia inclusive à psicanálise uma vez que “somos educados e treinados para perguntar: como se chama isto? ” (p.29). “ Como se ensina a alguém a ler para si mesmo? ” (p.158). Por fim, dor, sofrimento, escuta, cor, coisas, pessoas, morte, vida, jogo, técnica, teoria entre outras palavras, se aprende com linguagem. “A linguagem é uma prática que investe todo campo da atividade humana”. (KRISTEVA, 2014, p280). Os dois vienenses juntos pensando sobre jogos de linguagem parece dizerem: “o nosso século é tanto o do átomo e do cosmos como o da linguagem [...] O homem moderno está mergulhado na linguagem, vive na fala, é assaltado por milhares de signos” (Kristeva, 2014, p.9). Como a linguagem e a psicanálise podem ser pensadas? Seguir a via do sentido.

Referências

- BAKTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- DOLTO, Françoise. *Seminário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1915). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XV.
- _____. Sobre o início do tratamento. (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XII.p.161-187.
- FREUD, Sigmund. A interpretação de sonhos (1900). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. IV.
- FIGUEIRA, Sérgio A. Generalidades sobre a técnica – Situação atual da técnica psicanalítica no Brasil: um ponto de vista pessoal. In: *Insight psicoterapia*. São Paulo. Ano VII, nº 70. Fev. 1997. p. 14 -23.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. 15.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HANNS, Luiz. *Dicionário do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KRISTEVA, Júlia. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 2014.
- VALLE, B.; MARTÍNEZ, H. e JÚNIOR, Léo Perruzo. *Ludwig Wittgenstein*. Curitiba: CRV, 2012.
- VIGOTSKI, Liev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAPLANCHE, Jean. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Porto Alegre: Dublinense, 2015.
-

NASIO, J.D. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p.270.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. 9.ed. São Paulo: Vozes, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. http://pensador.uol.com.br/frase_de_wittgenstein/ acessado em 18/04/2016.

ANEXOS

ANEXO 1- *Gavin Turk : Sonho de Wittgenstein. Curadoria de James Putnam. Freud Museum – London. Jan 2016*



ANEXO 2 - Esquematiza Nasio (1995, p.36)

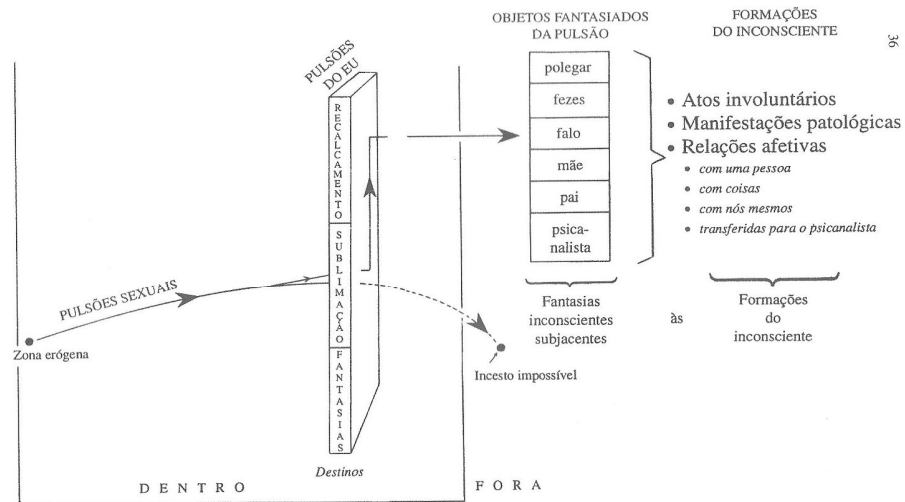


Figura 5.

As pulsões sexuais, seus 3 principais destinos (recalcamento, sublimação, fantasia) e suas exteriorizações

ANEXO 3 - *playing tarokk in 1895*

